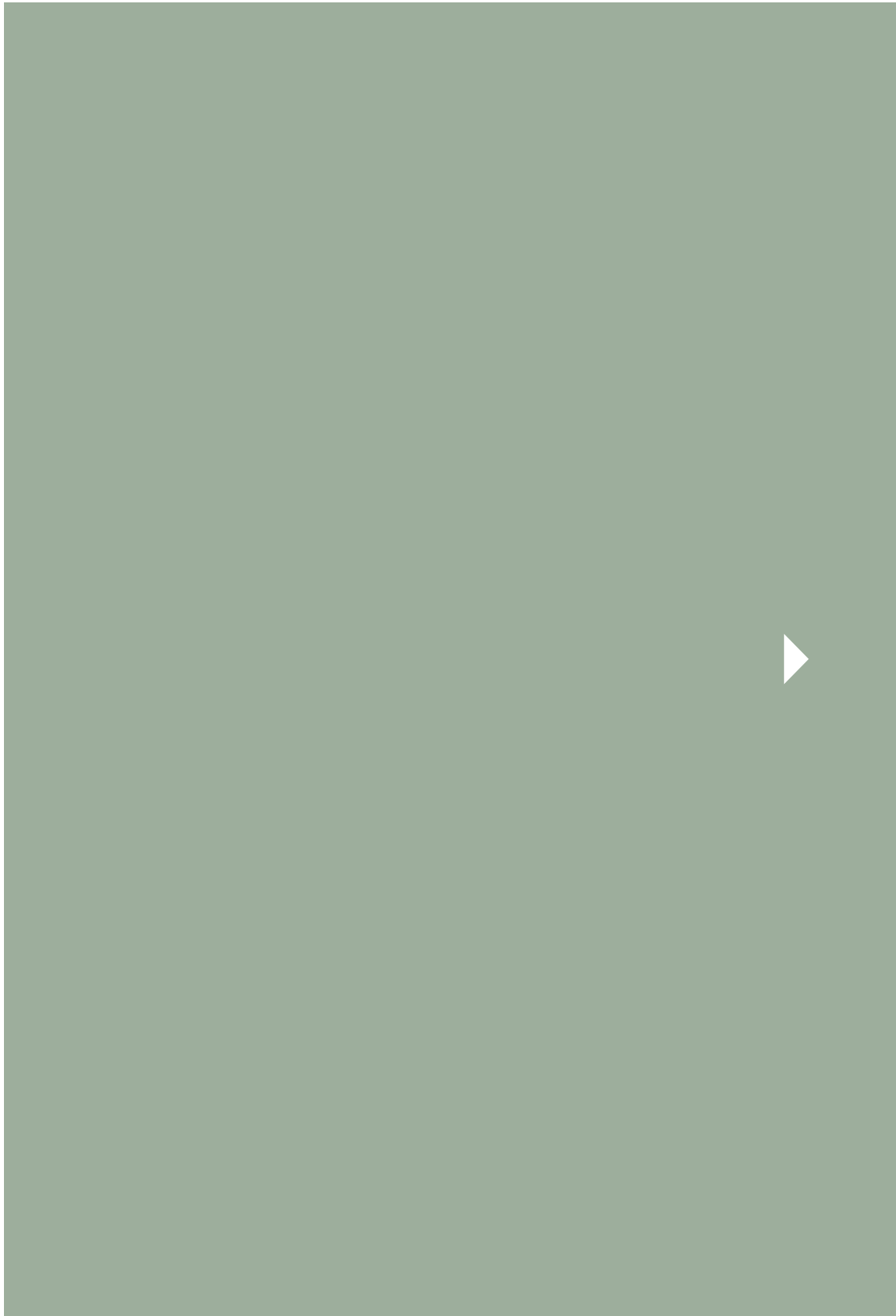


ação midiática



22

Estudos em
Comunicação,
Sociedade e Cultura





apresentação

DOI: 10.5380/2238-0701.2021n22.01



A revista Ação Midiática chega à sua 22ª edição apresentando ao público uma coleção de artigos de temática livre, na expectativa de contribuir para a discussão no campo da comunicação. O volume aborda problemáticas voltadas à discussão do campo em suas diferentes vertentes. Com esse interesse, apresentamos ao público os artigos que se seguem, na expectativa de contar com sua leitura.

Em “Dinâmicas na Circulação de Memes em *Fandoms* de Séries Televisivas”, Daniel Rios discute a relação entre tal formato e o ambiente digital. Para isso, analisa a circulação de conteúdo produzido sobre *Grey’s Anatomy* e *Game of Thrones*. Com isso, busca compreender os critérios de textualidade presentes, por um lado, nos jogos de citações relativos a temas internos às séries, e, por outro, aos assuntos que dizem respeito ao contexto mais amplo.

Bruno Santos Nascimento Dias realiza, no artigo “Contribuição, limites e possibilidades latinoamericanas para as ciências da comunicação”, um balanço da discussão teórica em comunicação desde os anos 1960 até a década de 2000. Problema essencial da discussão se torna a necessidade de avaliar a orientação conceitual própria da América Latina, na tentativa de pensar uma alternativa ao neocolonialismo.

Em “Quando o jornalismo legitima uma identidade como hegemônica: silenciamentos, Oktoberfest e imprensa em Blumenau”, Jorge Kanehide Ijuim e Magali Moser discutem a instrumentalização de uma festa para a elaboração de determinada identidade. Indicam de que forma esse processo ocorre a partir da intervenção de um veículo de comunicação local, o *Jornal de Santa Catarina*.

Beatriz Becker e Beatriz Lobo Santos discutem a construção de identidades mediante a investigação sobre uma série de televisão em animação, *Escola de Princesinhas*. Em “Modos de Ser Menina: das princesas clássicas nas narrativas audiovisuais ao empoderamento feminino na produção televisiva nacional”, o problema remete às imagens e visões elaboradas no contexto dessas narrativas infanto-juvenis.

Em “Mudanças na representação negra ao longo das reconfigurações da indústria televisiva dos Estados Unidos”, Bárbara Camirim traça um extenso histórico sobre a identidade negra no audiovisual. Narra os constantes embates por visibilidade, demonstrando os avanços e retrocessos de esforços. Em termos teóricos, recupera a investigação sobre as transições recentes na televisão, na expectativa de analisar o instante contemporâneo para a imagem.

“Ele segue vivo”: devires audiovisuais no programa televisivo Zero1”, de Camila de Ávila e Gustavo Daudt Fischer, busca identificar as marcas que permitem elaborar o reconhecimento de um programa de televisão em diferentes plataformas. Para isso investigam o produto apresentado por Tiago Leifert, na tentativa de perceber conceitualmente sua difusão nessas circunstâncias particulares.

Rodrigo Martins Aragão discute, em “Meios massivos, audiências digitais: a campanha dos 100 milhões de uns e o modo de endereçamento da televisão em cenário de convergência”, em que termos se estabelece a estratégia da Globo para convergência digital. O debate se volta para compreender essa dimensão do contemporâneo em termos da constituição desse ecossistema.

A *hallyu*, onda de produção proporcionada pelo país asiático, é tema de “A Indústria Televisiva Sul-Coreana no Contexto Global”, de Daniela Mazur. O texto observa a produção desses conteúdos audiovisuais em correlação com outros produtores de igual destaque em outros cenários globais, na expectativa de pensar tais trocas nesse contexto de difusão.

Em “Os quadros como espaços de infotimento: uma análise do JMTV 1ª edição”, Camilla Quesada Tavares e Frida Medeiros se debruçam sobre esse jornal de conteúdo local distribuído na cidade de Imperatriz (Maranhão). A discussão procura inserir em perspectiva essa tarefa dúbia entre entreter e divertir, que se torna marcante para o tipo de jornalismo produzido.

Francielle Modesto Mendes, em “‘Um Brasil quase desconhecido habitado por homens gigantes’: As representações do povo Ashaninka na reportagem A Última Fronteira de Vinícius Dônola”, discute as representações em jogo na abordagem sobre povos indígenas. Para isso, traz à tona o debate sobre variáveis que buscam identificar como o outro se comporta nesse espaço.

Em “Figuras Pós-Humanas e Inteligência Artificial: Uma Reflexão a Partir de Black Mirror”, Bruna Coutinho Silva e Fabiano Veliq abordam a dimensão do pós-humanismo a partir da discussão sobre a complexa relação entre traços típicos ao homem e sua problematização na relação com as máquinas. Para isso, concentram sua discussão em um episódio da série que se revela especificamente apto a iluminar tal questão.

“Sobre vírus, bactérias e animais: o bestiário simbólico de filmes sobre pandemias”, de Danilo Fantinel, discute um conjunto de filmes sobre doenças em larga escala. Para tal, concentra-se na dimensão do imaginário acionada por essas criaturas. Assim, busca compreender em que termos tal ideia se conecta às imagens de bestiários formados por tipos diversos de criaturas.

Novamente, agradecemos ao Setor de Periódicos da UFPR pela revisão e diagramação dos textos, assim como à equipe editorial da revista, composta por discentes do PPGCOM da UFPR, por seu auxílio na divulgação e condução da publicação. E ao leitor, por seu uso desses textos.

João Martins Ladeira

